

UM FANTASMA DO PASSADO: A MILITÂNCIA POLÍTICA DE MISHIMA YUKIO NO JAPÃO PÓS-GUERRA

Edelson Geraldo Gonçalvesⁱ

Resumo: Este trabalho pretende refletir sobre a militância política de Mishima Yukio, e sobre seu suicídio decorrente desta; buscando entender como esses fatos se inserem na tradição política do Japão do século XX, e em tradições culturais mais antigas.

Palavras-Chave: Mishima; Militância política; Direita.

Abstract: This paper intends to discuss the political activism of Mishima Yukio, and on his suicide due to this, seeking to understand how these facts fit into the political tradition in Japan of the twentieth century and in the oldest cultural traditions.

Keywords: Mishima; Political activism; Right-wing.

Introdução

Este artigo tratará do escritor Mishima Yukioⁱⁱ (1925-1970) e de seu engajamento político nacionalista, que se manifestou como uma oposição aos rumos que o Japão tomou após o término da Segunda Guerra Mundial; militância essa que culminou com seu espetacular suicídio em 1970. A vida deste escritor, à qual o mesmo dizia ser dividida em quatro riosⁱⁱⁱ (o rio da literatura, o rio do teatro, o rio do corpo, e o rio da ação) tomou o rumo do último rio, ou seja, o rio da ação (referente ao período de seu engajamento político) durante a década de 1960, terminando com seu ato final no ano de 1970. Este último período será o foco deste artigo, que terá como objetivo entender o significado das ações de Mishima, e como estas se inserem na tradição política e cultural do Japão.

Mishima e o Japão Moderno

Mishima Yukio nasceu em 1925, apenas um ano antes do início da era Showa, ou seja, do reinado do Imperador Hirohito (1901-1989), era esta que pode ser dividida em dois períodos; o de antes da rendição japonesa na segunda guerra mundial (1926-1945) e o de depois da rendição (1945-1989). Esta época, sem dúvida, decisiva para a história japonesa, foi marcada por um forte contraste entre seus dois períodos, sendo que o primeiro em seu auge se caracterizou por um nacionalismo fortemente militarista e de tendências fascistas (não sendo portanto, estranho que nesta época o Japão tenha se aliado à Itália fascista e à Alemanha nazista) no qual o Divino Imperador era retratado e amplamente conhecido como o comandante-em-chefe das forças armadas e de toda a nação, caracterizado como tal por seu uniforme militar, e a própria civilização japonesa era caracterizada como uma cultura guerreira e disciplinada, totalmente distinta dos capitalismo ocidentais. Por outro lado o período seguinte da era Showa caracterizou-se de maneira completamente contrária; democrática e capitalista (ainda que praticando um capitalismo “à japonesa”) na qual o Imperador Hirohito (que ao término do conflito mundial foi poupado de ser executado como criminoso de guerra, uma vez que após acaloradas discussões os aliados concordaram que para uma ordeira ocupação e reconstrução do Japão, este seria mais útil vivo do que morto [Henshall, 2008:202-203]) não mais um ser divino, passou a ser retratado com trajes que faziam lembrar um bom empresário, e sendo também o povo japonês retratado como pacífico, trabalhador, eficiente e valorizador da educação e da cultura. Estas duas imagens do Japão; a da nação guerreira por um lado, e da nação pacífica por outro; foram mais tarde identificadas por Mishima no título da célebre obra de Ruth Benedict sobre a cultura japonesa, “O Crisântemo e a Espada”, no qual segundo ele a “espada” seria uma referência ao Japão até o final da guerra, e o “crisântemo” do Japão do pós-guerra (Stokes, 1986:63-64).

Mishima passou seu tempo de vida neste mundo dividido entre estes dois períodos da era Showa, tendo passado sua juventude no primeiro, e sua maturidade no segundo. Este homem, que ganharia o título de o mais célebre romancista japonês do pós-guerra,^{iv} nasceu no seio da família Hiraoka, sendo Hiraoka Kimitake o seu nome verdadeiro (Mishima Yukio seria seu pseudônimo de escritor, adotado anos mais tarde). A família

Hiraoka descendia de camponeses da região de Kagoshima, que no século XIX a partir da posse de diplomas universitários passou a ser uma bem sucedida linhagem de funcionários públicos^v, tradição na qual Mishima também ingressaria mesmo que brevemente.^{vi}

Passando os primeiros anos de sua vida como uma criança de saúde frágil, Mishima fez seus estudos no Colégio dos Nobres (*Gakushuin*), ingressando em 1931, onde não se destacou durante sua educação primária, mas foi notável no nível secundário, quando publicou seus primeiros trabalhos pela revista do colégio (*Hojinkai Zasshi*) a partir de 1938. Ao mesmo tempo que Mishima traçava sua trajetória escolar, o Japão passava por sérias mudanças.

Após a grande crise econômica de 1929, iniciou-se no Japão uma onda de descontentamento com os modelos ocidentais tanto políticos quanto econômicos (democracia e capitalismo) adotados pela nação décadas atrás (Gordon, 2003:182-183). A crise que gerou pobreza tanto no campo quanto na cidade fortaleceu os movimentos marxistas, o que por sua vez acendeu em principalmente nas classes média e alta o temor de uma revolução comunista, enquanto por sua vez a sociedade assistia à ascensão na Europa de regimes que se engendraram por uma terceira via, distinta do capitalismo e do comunismo; estes regimes eram os da Alemanha nazista e da Itália fascista (Gordon, 2003:182). Neste cenário ocorreu tanto o recrudescimento da perseguição aos marxistas (com apoio da lei de preservação da paz de 1925),^{vii} quanto a ascensão de ideias nacionalistas emanando espontaneamente da população.

Entre as ideias nacionalistas que surgiram, podemos destacar o nacional-socialismo e o *minzoku*, sendo que o primeiro tinha o filósofo Kita Ikki (1883-1937) como mentor intelectual, e pregava a “Restauração Showa”, ou seja, a ideia de que o Imperador deveria suspender a constituição e tomar efetivamente o comando da nação, podendo assim distribuir as riquezas de forma justa entre seus súditos, enquanto no plano político externo o Japão como uma nação “sem recursos” ou pertencente ao “proletariado das nações”^{viii} teria o direito de tomar as colônias asiáticas das potências europeias, conquistando assim seu “espaço vital” e convertendo-se no protetor do continente asiático contra o imperialismo ocidental (Sotille, 2004:24). Por sua vez o *minzoku* era uma corrente ideológica (surgida na década de 1920 e popularizada na de 1930) que pregava a superioridade racial japonesa, tendo ganho com Yumoto Takehiko

(1857-1925) a noção de que a “japoneidade” poderia ser estendida aos nativos dos países vizinhos, bastando estes livrarem-se de suas antigas noções equivocadas de ética ou moralidade, para se converterem em legítimos súditos do Imperador (Oguma, 2002:44).

Juntamente com a popularização destas ideias ultranacionalistas, e de recentes êxitos militares do Japão em território chinês (o Japão apoia a fundação do Estado nominalmente independente de Mandchukuo, na região da Manchúria; estado este na verdade controlado pelos militares japoneses) surge em 1935 a *Nihon Roman-Ha* (Escola Romântica Japonesa), fundada pelos intelectuais nacionalistas Hayashi Fusao (1903-1975) Kamei Katsushiro (1907-1966) e Yasuda Yojuro (1910-1981) e que publicava também uma revista de mesmo nome. Este movimento exaltava o *minzoku* e criticava o ocidente e tudo que este representava (ou seja, toda a modernidade), convertendo-se também em um dos principais apologistas da ação japonesa na Segunda Guerra Mundial, não por apoio ao Estado, mas por pregar que o Japão estava exercendo o seu papel de protetor da Ásia contra o imperialismo ocidental (Doak, 2007:538; Najita, 2008:755).

No dia 26 de fevereiro de 1936 ocorreria um dos eventos mais marcantes da história japonesa no século XX, neste dia, em uma gélida manhã de inverno, com as ruas de Tóquio cobertas de neve, cerca de 1400 soldados irromperam pela cidade e invocando o “castigo celestial” assassinaram vários indivíduos influentes da cena pública japonesa, tentando inclusive o assassinato do Primeiro-Ministro em exercício, o Almirante Okada Keisuke (1868-1952), que por pouco conseguiu se salvar. Após os ataques os soldados barricaram-se durante três dias, e espalharam panfletos explicando o objetivo da facção: “a destruição da velha quadrilha de governantes e a salvação do Japão sob uma nova ordem” (Moore Jr, 1975:351) sendo que esta nova ordem seria o governo direto do Imperador Hirohito, uma vez que a “Restauração Showa” idealizada por Kita Ikki era o que guiava ideologicamente estes soldados. Contudo estes soldados encontraram pela frente a mais dolorosa resistência, vinda do próprio Imperador, que ultrajado com a agressão a seus conselheiros, afirmou que não reconhecia os insurgentes como seus representantes, taxando-os de meros traidores e exigindo que fossem julgados como tais (Henshall, 2008:160). Com tal reação do Imperador, alguns dos insurgentes suicidaram-se por *seppuku* o ritual de suicídio samurai (mesmo que por seu

ato de traição a permissão para tal honra lhes estivesse formalmente negada) enquanto outros entregaram-se esperando ter no julgamento a chance de expor ao público suas razões, denunciando os abusos do poder, a corrupção política e a miséria do campesinato (Pinguet, 1987:313-314). Contudo mesmo esta oportunidade lhes foi negada, sendo julgados em segredo, em um processo que acabou com 19 condenações à morte (entre os quais estava Kita Ikki, acusado de ser o mentor do golpe) e 70 prisões (Henshall, 2008:160).

No primeiro dia deste incidente Mishima se encaminhou à escola (ele tinha então 11 anos, e cursava a quinta série), contudo as aulas foram suspensas uma vez que o colégio se encontrava muito próximo ao local dos tumultos. Segundo nos informa Darci Kusano, Mishima teria ficado já naquele momento profundamente impressionado com o incidente, e embora não tenham existido publicações a respeito do episódio antes do final da Segunda Guerra; estas vieram em abundância após 1945, tendo Mishima inclusive lido todo o material disponível (2005:134).

Após este episódio que entrou para a história com o nome de “incidente de 26 de fevereiro” (*Ni Ni Roku*) o Japão iniciou sua marcha rumo ao conflito mundial, iniciando a guerra com a China em 1937, firmando o pacto tripartite em 1940, e após sofrer um embargo total de petróleo por parte dos EUA, atacando Pearl Harbor no final de 1941.

No entanto antes dessa marcha para a destruição o governo japonês teve que lidar com as manifestações populares de nacionalismo, pois estas estavam configurando o que Kevin M. Doak chama de um confronto entre “Nação” (representada pelo nacionalismo popular) e “Estado” (representado pelas oligarquias tradicionais e pelos políticos partidários [2007:538]). Para combater tais tendências o governo lançou mão do *Kokutai no Hongi* (Princípios fundamentais da Nação) um panfleto que se apropriava das idéias do nacionalismo popular, e as adaptava para os interesses governamentais (com exceção da noção de “Restauração Showa”, inadaptável ao modelo governamental vigente), sendo que este foi publicado em 1937, e passou a ser usado como base da doutrinação estatal, com aplicação principalmente nas escolas (Henshall, 2008:161-162), justamente no período em que Mishima era um estudante.

Entre os anos de 1937 (marcado pelo início do conflito na China) e 1945 (marcado pela derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial) Mishima inicia sua carreira como escritor em publicações fora do colégio, sendo que seu primeiro romance

de fôlego, *Hanazakari no Mori* (A Floresta em Pleno Esplendor) é publicado pela revista literária *Bungei Bunka* sob o apadrinhamento de seu professor Shimizu Fumio, que desenvolveu grande expectativa pelo talento do aluno, nesta publicação em 1941 o jovem Hiraoka Kimitake adotou o pseudônimo Mishima Yukio,^{ix} escolhido com a ajuda do professor Shimizu, que foi também aquele que aconselhou o rapaz a adotar um “*non de plume*” (Stokes, 1986:94-95).

Em 1942 Mishima ingressa no curso pré-universitário *Gakushuin*, tornando-se logo colaborador da revista do colégio, onde escreve poemas patrióticos, e no mesmo ano, sob a influência de Shimizu e Hazuda Zenmei (outro de seus professores) Mishima se interessa pela *Nihon Roman-Ha*, tornando-se um ávido leitor dos escritos dos seguidores dessa escola, contudo seu entusiasmo inflamado de início perderia a força e se tornaria moderado dentro de um ano (Stokes, 1986:100-101). Em 1944 Mishima forma-se no *Gakushuin* como o melhor aluno, e é homenageado no palácio imperial, onde recebe um relógio de ouro das mãos do Imperador. Nesse mesmo ano inicia seus estudos em Direito, na Universidade Imperial de Tóquio, contudo interrompendo o curso em 1945 ao ser convocado para auxiliar o esforço de guerra, com o trabalho em uma fábrica de aviões destinados aos ataques suicidas dos pilotos Kamikaze, tática desesperada aplicada pelas forças armadas japonesas nos últimos meses do conflito (Stokes, 1986:103-105). Ainda em 1945 Mishima é convocado para o exército, contudo é reprovado no exame médico, devido a um errôneo diagnóstico de tuberculose, o qual é corroborado pelo jovem (Stokes, 1986:299).

Após o fim da guerra, em 1946 Mishima entra em contato com Kawabata Yasunari (1899-1972), que impressionado com o talento do jovem torna-se a partir daí seu padrinho no meio literário japonês. Enquanto não conseguia notoriedade literária, Mishima ingressou no funcionalismo público, obtendo em 1947 um cargo no Ministério das finanças após ser aprovado em um concorrido concurso público. Assim mantém um ritmo dividido entre o trabalho no ministério e a dedicação à escrita, campo no qual ele continua ativo como colaborador de várias revistas literárias de Tóquio (Stokes, 1986:117-119). Conseguindo alguma estabilidade em sua carreira literária, Mishima demite-se do ministério em 1948, passando a dedicar-se exclusivamente à literatura, sendo que pouco depois, no ano de 1949, publica seu primeiro romance de grande notoriedade, *Confissões de uma Máscara* (*Kamen no Kokuhaku*), o qual o lança como a

nova estrela do firmamento literário japonês. Após isso Mishima amplia sua notoriedade, não apenas no Japão, como também no exterior, quando suas obras começam a ser traduzidas; continua a escrever novos contos e romances e também passa a escrever peças de teatro. Também dedica-se à uma viagem de volta ao mundo, entre 1951 e 1952, na qual sua estadia na Grécia lhe foi especialmente agradável (Stokes, 1986:130-138).

Ao mesmo tempo que Mishima ascendia como escritor, o Japão passava também por grandes mudanças que se seguiram à rendição na segunda grande guerra. A nação passou pela ocupação das forças armadas aliadas (principalmente norte-americanas) entre 1945 e 1952, período no qual o Japão ganhou uma nova constituição (que em seu mais notável aspecto, dissolveu as forças armadas japonesas), o Imperador renunciou à sua divindade, e muitas reformas econômicas e políticas foram feitas. Nesse meio tempo estourou a guerra da Coreia, na qual o Primeiro-Ministro japonês usou os próprios termos anti-militares da nova constituição (impostos pelos americanos) para apoiar sua recusa ao pedido de apoio militar feito pelos EUA (no entanto como medida de segurança foi instituído o *Jieitai* [Força Terrestre de Auto-Defesa do Japão] que como uma força meramente “defensiva” não feriria a nova constituição), sendo que dessa forma o Japão ajudou o esforço de guerra americano apenas com o fornecimento de bens, o que reergueu a economia japonesa (Eto, 1976:16-26). Assim ao final da ocupação aliada o Japão ia recuperando-se da devastação causada pela guerra, tentando “[...] se adaptar à derrota e suas consequências da mesma maneira com que se adaptaram aos incontroláveis desastres naturais [...]” (Eto, 1976:13) contribuindo também para a reconstrução nacional a experiência prévia do povo japonês com instituições democráticas, assim como o elevado nível educacional da população, e o grande contingente de pessoal capacitado para o trabalho industrial (Reischauer, 1993:244-245). Com isso os problemas econômicos do início do período de ocupação (que em 1948, estavam colocando o Japão à beira de uma revolução comunista, segundo alertou George Kennan [1904-2005]) foram combatidos e definitivamente superados com o início do conflito na Coreia (Henshall, 2008:212-214), fazendo com que ironicamente o avanço das tropas comunistas além do paralelo 38, sepultasse definitivamente a possibilidade de uma revolução vermelha na era Showa. Assim o Japão iniciou o processo que o levaria ao posto de terceira maior potência econômica do

planeta, algo que em meados da década de 1950 vinha se refletindo no padrão de vida da população, que com o aumento da prosperidade elevou seu nível de consumo, em um cenário no qual entre 1956 e 1959 o número de aparelhos de TV nas residências japonesas cresceu 20 vezes (de 165.000 para 3.290.000) e as revistas populares vendiam 12 milhões de exemplares por semana; teve início a era da sociedade de massas no Japão (Eto, 1976:32).

Ao mesmo tempo essa prosperidade também trouxe preocupações às autoridades japonesas, uma vez que o estilo de vida dos japoneses, e mesmo seus valores começaram a mudar drasticamente, fazendo com que os hábitos frugais do pré-guerra fossem substituídos por uma onda de despreocupado consumismo, e busca do bem-estar material, no que alguns consideraram uma “perniciosa americanização” da sociedade; e isso não é para menos, uma vez que a identidade nacional japonesa, que vinha sendo construída desde o final do século XIX, foi deixada de lado pelos novos governantes (sendo o fim da divindade imperial o grande marco dessa ruptura), sem que o investimento em uma nova fosse feito (Eto, 1976:32; Reischauer, 1993:255).

Enquanto isso no cenário político, o Japão encerra formalmente seu conflito com os EUA no tratado de paz de São Francisco, firmado em 8 de setembro de 1951, tendo assinado também no mesmo dia o Tratado de Cooperação Mútua e Segurança (ANPO) que colocava o Japão sob a tutela militar dos EUA, em caso de agressão externa ou graves tumultos internos, não exigindo no entanto qualquer reciprocidade por parte dos japoneses. Este tratado causou grandes tumultos em 1960, quando o Primeiro-Ministro em exercício, Kishi Nobusuke (1896-1987) propôs a revisão do mesmo, em um formato que teria maior reciprocidade por parte dos japoneses, no qual era previsto que as ações militares de americanos em solo japonês fossem apoiadas por soldados japoneses (Eto, 1976:25-37). Essa proposta trouxe forte apreensão à grande parte da população, uma vez que estes temiam que tal aliança pudesse iniciar uma cooperação mais forte entre os militares japoneses e americanos, o que poderia levar o Japão a se envolver em conflitos militares perpetrados pelos americanos no contexto da Guerra Fria, sendo que a Guerra do Vietnã iniciada no ano anterior era um fator de medo imediato (Henshall, 2008:225-227). Esse temor levou a uma onda de protestos, e manifestações antiamericanas, que acabaram levando à renúncia do Primeiro-Ministro Kishi. Estes protestos foram também

o marco inicial do engajamento político de Mishima, que se estendeu entre 1960 e 1970, período este de sua vida que é o ponto principal de interesse nesse artigo.

Mishima no Rio da Ação

O engajamento político nacionalista de Mishima começou de maneira discreta, os levantes de 1960 juntamente à memória que tinha do incidente de 26 de fevereiro o levaram a escrever naquele ano o conto “Patriotismo” (*Yukoku*), no qual descreve com detalhes o suicídio ritual (*seppuku*) de um oficial aliado dos insurgentes do *Ni Ni Roku* (Stokes, 198:159). No ano seguinte Mishima escreve a peça *Toka no Kiku* (Os Crisântemos do Décimo Dia) também tratando do 26 de fevereiro. Estas obras não chamaram qualquer atenção especial na primeira metade da década de 1960, mas viriam a adquirir importância no engajamento político de Mishima após isso.

Inicialmente o posicionamento político do escritor não era algo claro, muitos inclusive acreditavam que ele (como a franca maioria dos intelectuais japoneses) fosse esquerdista, sendo inclusive em 1960 convidado a ingressar no Partido Comunista Japonês (Stokes, 1986:158). Contudo o posicionamento político de Mishima se puder ser definido, alinhava-se mais à direita, e embora viesse a ser futuramente chamado de fascista^x ele preferia manter distância dos setores organizados da ultra-direita japonesa, considerados por ele “um antro de gângsteres” (Stokes, 1986:290). Mishima na verdade tinha uma visão política romântica, e sonhava reviver o antigo espírito japonês, que se deteriorava diante de seus olhos, reconhecendo no entanto que tal degeneração não era um fenômeno exclusivo do pós-guerra, mas alegando que esta veio desde a desarticulação do golpe de 26 de fevereiro, quando os insurgentes, verdadeiros servos do Imperador, acabaram abrindo caminho para a facção de tendências fascistas existente no exército e na política, sendo que esta facção guiada por ideologias de inspiração europeia levou o Japão à guerra (Kusano, 2005:135). Em outras palavras foi a negação do legítimo espírito japonês que levou o Japão à catástrofe.

A visão que Mishima tinha do espírito japonês ideal, era saturada de uma visão idealizada do passado, pois o autor valorizava a cultura samurai, e tinha os ideais dessa aristocracia guerreira como um guia para sua vida, em um engajamento no qual ele deu forte ênfase ao longo da década de 1960. O escritor dizia viver pelo *Bunburyodo*

(Caminho da Espada e do Pincel) ideal da antiga sociedade Tokugawa, que assumia que os samurais deveriam ser eruditos e militarmente hábeis, e fez do *Hagakure* (livro escrito no século XVIII, por Tsunetomo Yamamoto, destinado à guiar a conduta de samurais; além disso a leitura do mesmo foi também encorajada entre os japoneses na primeira metade do século XX, pois este conteria o modelo de comportamento mais adequado para os súditos do Imperador), seu livro de cabeceira (Pinguet, 1987:402). Assim Mishima dedicou-se às artes marciais e ao halterofilismo^{xi} (tendo também feito treinamento militar com o *Jieitai* em 1967) juntamente com a literatura. O escritor também era um entusiasta da filosofia de Wang Yang-Ming, cuja máxima “Qualquer pensamento só é válido quando passa aos atos” (Yourcenar, 1987:75) ele pôs em prática em sua militância.

A ação de Mishima começa na escrita, e esta mostra claramente sua natureza política a partir de 1966, quando publicou seu manifesto *Eirei no Koe* (As Vozes dos Heróis Mortos) no qual critica o Imperador Hirohito (Mishima tinha grande veneração pela instituição imperial, mas não simpatizava particularmente com o Imperador Hirohito) por ter condenado seus mais leais súditos, os insurgentes de 26 de fevereiro, e por ter renunciado à sua divindade, dando assim um duro golpe no espírito japonês. Reuniu no mesmo ano seus textos “Patriotismo”, *Toka no Kiku* e o manifesto *Eirei no Koe* em um único volume, sendo estes três textos referentes ao *Ni Ni Roku*. Neste período Mishima ganha a simpatia dos ultra-direitistas, tornando-se o escritor mais popular entre estes, e se afirmando formalmente como um “direitista”, chegando inclusive a se aproximar de intelectuais e políticos conservadores, mas ainda mantendo distância de grupos ultra-direitistas (Stokes, 1986:220-225).

A militância de Mishima aproxima-se mais de uma ação física em 1967, quando este funda o *Tatenokai* (Sociedade do Escudo) uma milícia particular, que se dispunha a ser o “escudo” da instituição imperial. Este grupo era composto por estudantes universitários que militavam em movimentos de direita, sendo recrutados por Mishima entre estudantes da Universidade de Waseba, e dos editores de um jornal fascista de pouca circulação, o *Ronso Journal*, sendo que neste segundo grupo foi recrutado aquele que seria o braço direito de Mishima no *Tatenokai*, Morita Masakatsu (1945-1970 [Stokes, 1986:226-227]). Este grupo composto por cerca de 80 integrantes, e que era chamado por Mishima de “o menor e mais espiritual exército do mundo” (Stokes,

1986:230) conseguiu a permissão do *Jieitai* para treinar em uma base militar ao sopé do Monte Fuji, preparando-se para proteger o Imperador de qualquer ameaça, sendo que os comunistas pareciam ser a ameaça mais presente no momento (Pinguet, 1987:405).

É claro, no primeiro momento a milícia de Mishima não foi levada a sério, muitos consideraram como uma “boa piada”, enquanto a maioria simplesmente não deu atenção, de fato, embora o *Tatenokai* tenha sido fundado em um período de confrontos entre grupos militantes de direita e de esquerda, este jamais tomou parte de qualquer embate de rua, e quando perguntado pelo jornalista americano Henry Scott Stokes qual era a razão de ter fundado este grupo, Mishima respondeu citando o livro “O Crisântemo e a Espada” de Ruth Benedict, dizendo que o Japão atual dava muita atenção ao primeiro aspecto (o crisântemo, ou seja, a cultura) e pouco ao segundo (a espada, ou seja, a defesa nacional), e falou que pretendia “devolver a espada” ao Japão. Em seguida Mishima teria mudado descontraidamente de assunto, falando dos espetaculares uniformes do grupo, que foram feitos pelo alfaiate Igarashii Tsukumo, o único japonês que havia feito um uniforme para De Gaulle; assim em meio a essa conversa, o jornalista entendeu que o próprio Mishima não levava o assunto a sério (Stokes, 1986:16).^{xii}

Enquanto Mishima se ocupava de seu incomum engajamento político o Japão de fato mudava; o “Crisântemo” ao qual o escritor se referia realmente ganhava mais ênfase, tornando-se o centro da nova identidade nacional japonesa. Esta nova identidade do Japão como uma “nação de cultura” de fato vinha-se construindo desde o início do período pós-guerra, quando escritores e cineastas retratavam a cultura japonesa, redefinindo-a não apenas aos olhos dos compatriotas como também dos estrangeiros (Jansen, 2000:709-714).^{xiii} Contudo essa nova identidade se afirmou a partir do ano de 1964, quando ocorreram as olimpíadas de Tóquio, onde a contribuição da mídia de massa para mostrar ao mundo o novo Japão (valorizador da cultura, da tecnologia e economicamente bem-sucedido) juntamente com o próprio desempenho dos atletas japoneses nos jogos (conseguiram 16 medalhas de ouro [ficando assim no terceiro lugar geral, atrás apenas de EUA e URSS], entre as quais se destacou a conquista do ouro olímpico pela seleção feminina de vôlei, triunfo assistido ao vivo pela televisão por 85% da população do país) reacenderam o orgulho japonês, e redefiniram a alto-imagem que este povo teria a partir daí (Low, 2006:103-106; Gordon, 2003:266-267).

Este novo Japão era justamente o alvo principal das críticas de Mishima, tanto que em seu livro “O Hagakure”, o autor critica a superficialidade dos jovens (“Hoje, se formos a um local de jazz e falarmos com adolescentes ou com jovens [...] veremos que só conversam, exclusivamente, sobre elegância e moda.” [1987:26]), o crescente apego ao dinheiro, e o endeusamento de ícones midiáticos, como os atletas. Mishima via em sua época uma grande semelhança com o período em que Tsunetomo escreveu o *Hagakure*, pois ambos eram períodos de paz que se seguiram após anos de guerra, ambas as sociedades se destacavam por seus avanços culturais, e também em ambos os casos a “feminização do homem” (uma consequência do abandono das virtudes guerreiras e do apego ao conforto) se mostrava como consequência (1987:25-29). Além disso, em uma conversa com o jornalista Henry Scott Stokes, o escritor teria dito:

Todo o Japão [...] está amaldiçoado. As pessoas só pensam em ganhar dinheiro; a velha tradição espiritual não existe mais; o materialismo ocupa a ordem do dia. O Japão moderno é hediondo. O Japão [...] está amaldiçoado por... uma cobra verde. [...] Existe uma cobra verde no seio do Japão... e essa é a maldição que pesa sobre nós e da qual não conseguiremos escapar (apud Stokes, 1986: 28).

Esta fala de Mishima, em que uma “cobra verde”, aparece como uma personificação do mal é provavelmente, segundo Marguerite Yourcenar, uma fala de conotações bíblicas, vinda do grande conhecimento que o escritor tinha da cultura ocidental (1987:88-89).

Devido à notoriedade que conseguiu principalmente por sua crítica ao Imperador Hirohito feita em 1966, Mishima é convidado a participar em 1968 e 1969 de debates com estudantes em algumas universidades, expondo seus ideais, e deixando claro que não defendia qualquer forma de autoritarismo, afirmando seu repúdio por regimes políticos como os de Hitler, Stálin e Mao e defendendo a importância da democracia e da liberdade de expressão, deixando claro que estes não eram contrários ao “espírito japonês” que defendia, acrescentando também que para a manutenção desse espírito, o Imperador deveria figurar como símbolo supremo da cultura japonesa (Kusano, 2005:533-536).

Entre esses debates, o mais marcante foi travado com militantes radicais de esquerda, em 13 de maio de 1969, num encontro em que inclusive se temia que acabasse em violência. Nesse encontro, Mishima expõe com maior clareza sua concepção da instituição imperial, dizendo:

A minha concepção de imperador é a de Yamato Takeru transformando-se em um cisne branco. [...] E depois: O que eu chamo de imperador é um único ser humano que possui uma imagem dupla, uma estrutura dual: o *tennô* [Imperador] humano, enfim, o *tennô* enquanto governante, e o *tennô* cultural, poético e mitológico. O cerne do meu pensamento é que ele não tem relação com a personalidade de cada um dos *tennô* reais. O *tennô* possui uma estrutura dupla, misteriosa, a de quem sem esse *tennô* dado como existência agora, na realidade, não é possível o *tennô* enquanto “Sollen” (deve ser), um conceito abstrato (o contrário também é verdadeiro). Em suma, o *tennô* possuía esse caráter duplo desde a época de separação entre homens e deuses, como relatei a propósito do *Kojiki* (Registro das Coisas Antigas). O que significaria essa dupla estrutura do *tennô*? Por mais que se negue o *tennô* enquanto existência na realidade, a imagem do *tennô* conceitual e ideal pode durar graças à história e a tradição; além disso, por mais que se negue o *tennô* conceitual, sucessivo e ideal, aí resta de novo, como na atualidade, o *tennô* enquanto “Sein” (ser), uma existência na realidade. [...]

E hoje, estamos na presença de um sistema imperial em que o elemento “Sollen” (deve ser) está muito rarefeito. Mas eu insisto que graças à restauração desse elemento “Sollen”, pela primeira vez, o *tennô* pode se tornar o princípio da reforma. Então, eu designo esse *tennô* conceitual, imaginário ou ideal, de sistema imperial e cultural, e coloco a sua defesa e manutenção no cerne do meu princípio político. Nesse sentido, o meu pensamento político está extremamente próximo da idéia de revolução pelo imperador, de antes da guerra (apud Kusano, 2005:537-538).

Nessa fala Mishima deixa claro mais uma vez a importância do Imperador em sua concepção política, deixando implícito ao final, a sua inspiração; o incidente de 26 de fevereiro (Kusano, 2005:538).

Ao final do debate, que correu de maneira cortês, contrariando os temores de violência (sendo que Mishima inclusive remeteu seus honorários de conferencista ao caixa do Partido Comunista, em um “gesto de polidez que lembra o dos kendoístas cumprimentando-se após o combate” [Yourcenar, 1987:83]) o escritor percebeu definitivamente que não podia considerar os radicais comunistas como inimigos do *Tatenokai*; na verdade sentia-se muito próximo deles, “Poderia fazer sua a cólera deles” (Pinguet, 1987:405), ou em suas próprias palavras:

Descobri que tinha com eles muitos pontos em comum, por exemplo, a ideologia rigorosa e o gosto pela violência física. Eles e eu representamos uma nova espécie de Japão. Somos amigos separados por arames farpados; sorrimo-nos sem podermos nos abraçar. Nossos objetivos se assemelham; temos na mesa as mesmas cartas, mas possuo um trunfo que eles não têm: o Imperador (apud Yourcenar, 1987:83).

Contudo além das semelhanças de objetivos Mishima também teria percebido outra coisa, que aqueles estudantes “participam dos valores da sociedade que contestam, não

põe nada acima da vida, não podem senão negociar, não aceitarão nem matar nem deixar-se matar por um fim” (Pinguet, 1987: 405). Apesar das primeiras semelhanças, em relação futuro que Mishima preparava, eles eram muito diferentes.

Na manhã do dia 25 de novembro de 1970, Mishima e três de seus seguidores, membros do *Tatenokai* chegam à base militar de Ichigaya, no centro de Tóquio para uma audiência marcada com o General Mashita, chefe dos exércitos do leste. Porém após serem recebidos, Mishima e seus homens rendem o general tomando-o como refém, e fazem uma exigência para pouparem sua vida; e esta exigência era que Mishima fosse ouvido pelos soldados da base (cerca de 1000 homens), em um discurso que faria da sacada do escritório do General. Essa ação que causou surpresa geral, principalmente por parte daqueles que não levavam a sério o *Tatenokai*, já vinha sendo planejada à algum tempo por Mishima e seus seguidores, que consideraram várias formas para o golpe, inclusive uma ação ampla inspirada no 26 de fevereiro, que foi descartada por falta de recursos (Pinguet, 1987:407-408). Assim esse ataque, aparentemente impensável pelo pequeno número de envolvidos, foi lançado, e em seu primeiro ato teve sucesso, Mishima conseguiu se fazer ouvir.

Quando Mishima se colocou na sacada e começou a falar aos soldados reunidos, seus apelos não comoveram ninguém. O escritor, que naquele momento fez um apelo aos soldados para que se rebelassem contra o Estado, para que lutassem por uma reforma constitucional; afirmou que era responsabilidade do *Jieitai* pôr o Japão, uma nação que no momento sem qualquer alicerce espiritual, novamente em ordem. Contudo a revolta de Mishima não era compartilhada pelos soldados, o discurso nem sequer foi ouvido por completo, já que muitas palavras se perderam, abafadas pelo barulho de helicópteros de polícia e imprensa, além de sirenes de ambulâncias que em pouco tempo surgiram ao redor do local, sem citar ainda as frequentes interrupções por vaias, insultos e gracejos vindos dos soldados (Stokes, 1986:50-53).

Vendo a situação Mishima desistiu do discurso após poucos minutos de fala; “perdi toda a esperança como *Jieitai!*” foi sua última fala dirigida aos soldados. Então o escritor gritou três vivas ao Imperador e retornou ao escritório do General (Stokes, 1986:53).

Lá dentro, Mishima e Morita, seu braço direito; cometeram o suicídio ritual dos samurais, o *seppuku*, antes que o general fosse libertado pelos outros e todo o incidente terminasse.

Um fantasma do Passado

Uma conclusão que se tira da ação de Mishima é que, este sabia da remota possibilidade de sucesso de seu golpe; que na verdade nem foi direcionado contra o comunismo, inimigo inicial do *Tatenokai*, como bem sintetiza Maurice Pinguet:

[...] a contestação esquerdista perde o fôlego e reflui: o Estado se mostra [...] muito capaz de resistir à subversão por suas próprias forças. É preciso abandonar as esperanças de uma guerra de ruas, de uma contra guerrilha onde ele poderia oferecer sua vida. Mishima então dá meia-volta: é o Estado que vai atacar, já que é o vencedor, será ele o visado em seu princípio: a constituição de 1947. Abolir o regime nascido da derrota [...] nenhum projeto poderia ser mais grandioso, mesmo se se revela fora de alcance. Mishima não tem ilusões. Mas na derrota, a morte não terá menos brilho que tentativa (1987:407).

A ação de Mishima é algo que se insere em três tradições japonesas; duas antiga e a terceira notável apenas no século XX. Entre as antigas, a primeira é aquilo que Ivan Morris chama de “nobreza do fracasso”, ou seja, a virtude do indivíduo que não consegue ter sucesso em seu intento, mas que pela pureza de suas intenções e a obstinação de levar à frente seu objetivo, mesmo que em direção de um fracasso inevitável; que inclusive custará sua vida; acaba sendo reconhecido e lembrado como um herói (1980:20-21). A segunda tradição antiga em que Mishima se insere, é a natureza de seu suicídio,^{xiv} não meramente por ser um *seppuku*, mas por pertencer à uma categoria específica desta modalidade de suicídio; o *kanshi* (suicídio de protesto), uma prática antiga (Pinguet, 1987:186), que no entanto tornou-se mais notavelmente corrente no Japão da primeira metade do século XX, certamente pelo advento da democracia, que tornava os protestos populares mais relevantes do que outrora. Já a terceira é a tradição em que se insere o incidente de 26 de fevereiro, ou seja, a tradição de confronto entre “Nação” e “Estado” constatada por Kevin M. Doak, à qual já foi citada anteriormente.

Assim embora o objetivo de Mishima não fosse a “Restauração Showa” como idealizada por Kita Ikki e os insurgentes de 1936; sua ação seguiu como aquela, uma tradição do nacionalismo japonês na primeira metade do século XX, enquanto seu sacrifício seguiu a tradição dos heróis japoneses há séculos registrada. Contudo essas ações já não eram mais oficialmente encorajadas ou valorizadas no Japão pós-guerra, pois as virtudes que Mishima prezava e praticava já não pertenciam formalmente ao Japão; eram apenas más lembranças de uma japoneidade abandonada com o fim da guerra, e substituída por outra que se afirmou em 1964. Assim podemos dizer que Mishima como militante político foi um fantasma do passado japonês; trazendo o passado que maioria preferia esquecer de volta ao Japão moderno,^{xv} em um momento que revelou que embora tenham sido sufocadas, estas antigas tendências culturais e políticas não desapareceram, estando ainda presentes inclusive para se revelarem em outras ocasiões.

Referências

- DOAK, K. M. National Identity and Nationalism. In .TSUTSUI, W. M (Edit). *A Companion to Japanese History*. p.528-544. Malden: Blackwell Publishing, 2007.
- ETO, JUN. *Uma Nação Renascida: Breve História do Japão de Pós-Guerra*. Rio de Janeiro: Consulado Geral do Japão, 1976.
- GORDON, A. *A Modern History of Japan: From Tokugawa Times to The Present*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- HENSHALL, K. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- JANSEN, MARIUS B. *The Making of Modern Japan*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- KUSANO, DARCI. *Yukio Mishima: O Homem de Teatro e de Cinema*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LOW, MORRIS. *Japan on Display: Photography and The Emperor*. Nova York: Routledge, 2006.

MISHIMA, YUKIO. *O Hagakure: A Ética dos Samurais e o Japão Moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

MOORE JR, B. *As Origens Sociais da Ditadura e da Democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno*. Lisboa: Martins Fontes, 1975.

MORRIS, I. *La Noblesse de l'échec: Héros Tragiques de l'histoire du Japon*. s/l: Gallimard, 1980.

NAJITA, Tetsuo. Japanese Revolt Against The West: Political and Cultural Criticism in The Twentieth Century. In. DUSS, Peter (Edit). *The Cambridge History of Japan: Volume 6*. p.711-774. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

NORA, Pierre. O Retorno do Fato. In. LE GOFF, Jacques. *História, Novos Problemas*. p. 179-192. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

OGUMA, E. *Genealogy of Japanese Self-Images*. Melbourne: Trans Pacific Press, 2002.

ONTIVEROS, JOSÉ LUIZ. *Apologia da Barbárie: Ernst Jünger, Yukio Mishima e Erza Pound Numa Perspectiva Dissidente*. Lisboa: Hugin, 1997.

PINGUET, MAURICE. *A Morte Voluntária no Japão*. São Paulo: Rocco, 1987.

REISCHAUER, E. O. *Japan: The History of a Nation*. Tóquio: Tuttle, 1993.

SOTTILE, Joseph P. The Fascist Era: Imperial Japan and The Axis Alliance in Historical Perspective. In. REYNOLDS, E. Bruce (Edit). *Japan in The Fascist Era*. p.1-48. Nova York: Palgrave MacMillan, 2004.

STOKES, HENRY SCOTT. *A Vida e a Morte de Mishima*. São Paulo: L&PM, 1986.

YOURCENAR, MARGUERITE. *Mishima: ou Visão do Vazio*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

Notas

ⁱ Mestrando em História Social das Relações Políticas, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

ⁱⁱ Neste artigo utilizaremos a grafia original para os nomes japoneses, ou seja, o nome de família sempre será escrito primeiro; ex: Mishima Yukio, ao invés de Yukio Mishima.

ⁱⁱⁱ Os dois primeiros rios (da literatura e do teatro) referem-se à obra de Mishima como escritor; o terceiro rio (do corpo) refere-se ao período que se dedicou a esculpir o próprio corpo através do halterofilismo; atividade na qual se engajou após sua inspiradora viagem à Grécia em 1952 (Stokes, 1986:138), enquanto o último diz respeito à sua militância política. Segundo Mishima, ao final estes rios desembocariam no Mar da Fertilidade; ou seja, a tetralogia que foi sua derradeira obra literária, composta pelos livros: Neve de Primavera (*Haru no Yuki*), Cavalos Selvagens (*Honba*), O Templo da Aurora (*Akatsuki no Tera*) e A Queda do Anjo (*Tennin Gosui*).

^{iv} Mishima foi inclusive fortemente cotado como um candidato ao Prêmio Nobel de literatura, durante a década de 1960, quase conseguindo-o em 1968, quando no entanto perdeu para seu mentor Kawabata Yasunari (que inclusive considerava Mishima como o maior romancista japonês vivo); sendo que a principal razão para a decisão foi um critério de idade; assim o idoso Kawabata foi priorizado em relação a Mishima, julgado jovem e portanto em melhores condições de aguardar a premiação para o futuro (Stokes, 1986:183).

^v Cabe também destacar que Mishima tinha laços de sangue com uma ilustre linhagem samurai, a dos Tokugawa, sendo eu este parentesco era devido a sua avó Hiraoka Natsuko (1875-1939), que descendia dessa linhagem.

^{vi} Mishima trabalhou no Ministério das Finanças de 1947 a 1948.

^{vii} Lei que considerava como crime as manifestações que solicitassem ou fizessem apologia à mudanças na estrutura política nacional (Henshall, 2008:153).

^{viii} O conceito de “nação proletária” ou “proletariado das nações” foi inicialmente cunhado por Antonio Gramsci (1891-1937); contudo, a interpretação da idéia usada por Kita Ikki vem de Benito Mussolini (1883-1945), do qual Kita era admirador, segundo o qual era melhor uma luta de classes entre nações proletárias contra nações possuidoras de recursos (colônias), pois assim haveria coesão social dentro do país, ao contrário da tradicional luta de classes entre compatriotas, que traz apenas a desordem (Sottile, 2004:24).

^{ix} O sobrenome “Mishima” veio do nome da cidade que oferece a melhor vista para o monte Fuji. Já o nome “Yukio” é um floreio na pronúncia da palavra japonesa *yuki* (neve [Stokes, 1986: 95]).

^x Quanto à acusação de fascista Mishima respondeu: “os que me classificam de fascista nem me entendem a mim, nem ao fascismo, nem sequer a história do Japão” (apud Ontiveros, 1997:77).

^{xixi} No entanto estas práticas não dizem respeito apenas ao “rio da ação” uma vez que Mishima já as havia iniciado em seu “rio do corpo”.

^{xii} Mishima costumava chamar o *Tatenokai* pela tradução para o inglês de seu título, *Shield Society*, ou “minha SS”, certamente como provocação aos que o chamavam de fascista (Yourcenar, 1987:85).

^{xiii} Entre estes merecem destaque os escritores Tanizaki Jun'ichiro (1886-1965), Dazai Ozamu (1909-1948), e Oe Kenzaburo, além é claro de Kawabata Yasunari e do próprio Mishima; e também os cineastas Mizoguchi Kenji (1898-1956), Ozu Yasujiro (1903-1963) e principalmente Kurosawa Akira (1910-1998[Jansen, 2000:710-712]).

^{xiv} Existem várias interpretações sobre este ponto, que consideram aspectos como as noções que Mishima tinha de sobre a “morte como obra de arte”, e seu suicídio como um *shinju* (suicídio de amantes) homossexual com Morita, entretanto não abordaremos aqui estes pontos, limitando-nos apenas ao aspecto político do ato.

^{xv} Este pode ser considerado um fato de expressiva relevância histórica, segundo os termos de Pierre Nora, que em seu texto “O Retorno do Fato” classifica fatos que revelam o passado de uma nação no presente (como foi, por exemplo, o caso Dreyfus em relação ao antissemitismo na França) como especialmente merecedores da atenção dos historiadores, para o entendimento dos aspectos culturais dos meios sociais que estejam sendo estudados, pois estes atuariam como espelhos refletindo as imagens dessas sociedades (1988:190).